

IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 19 DE FEVEREIRO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição nº 30590
de 19 de Fevereiro de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

DOMINGOS MACHADO: O REI DOS CAVAQUINHOS

EM BRAGA AINDA SE FAZEM VIOLAS, BANDOLINS, CAVAQUINHOS
E MUITOS OUTROS INSTRUMENTOS ARTESANALMENTE

— P. 4-5 —

O CAMINHO DA IGREJA E O CAMINHO DO SÍNODO: MISERICÓRDIA E INTEGRAÇÃO



PAULO TERROSO

PADRE

A homilia do Papa no Domingo passado, perante velhos e novos cardeais, merece ser lida e relida, rezada e meditada. Uma das mais belas e profundas homílias do pontificado e, segundo alguns vaticanistas, aprofundamento e chave de leitura no caminho de reflexão e maturação até ao próximo Sínodo. Um bom pretexto para retomarmos o Sínodo da família e perspectivarmos como a discussão sobre os divorciados recasados se revelará uma caixinha de surpresas. Vejamos dois exemplos.

D. Manuel Clemente clarificou a sua posição sobre a possibilidade dos divorciados recasados comungarem. Em Outubro do ano passado, numa entrevista à rádio Renascença, dizia que se colocava a “meio campo”. Considerava que “realidade é poliédrica,

portanto, quanto mais perspetivações se tiver, deste ou daquele lado, por gente tão responsável e com tão boa vontade, melhor será para elucidar o assunto. E é nessa posição que me ponho: como aprendiz na matéria”. Agora, cinco meses volvidos, o neo-cardeal D. Manuel Clemente, em entrevista à SIC, foi peremptório: “a misericórdia não exclui a responsabilidade”, admitindo apenas

arcebispo africano Charles Palmer-Buckle de Accra, Gana. Palmer-Buckle — uma importante figura da Igreja africana e participante no próximo Sínodo sobre a família em Outubro — em entrevista ao jornal americano *online* Crux disse estar aberto à permissão dos divorciados recasados receberem a comunhão. E não se ficou por aqui. O arcebispo africano acredita



a comunhão de divorciados recasados caso seja declarado nulo o primeiro matrimónio: “se o matrimónio não é nulo, é válido, e se é válido, continua”, disse. Surpreendente, porém, é a posição do

ser este o resultado esperado pelo Papa no Sínodo de Outubro. Esta posição faz cair por terra a imagem de uma Igreja Africana uniformemente contra as mudanças nesta matéria. Timothy Dolan, cardeal

arcebispo de Nova Iorque, no final da Assembleia Extraordinária de Outubro passado, tecia rasgados elogios à Igreja africana e aos seus bispos. Falava da “frescura” dos bispos africanos e da vivacidade da Igreja africana em contraponto à “letargia” da Igreja europeia e norte-americana. “Os bispos africanos são proféticos ao lembrar-nos que a missão da Igreja é transformar a cultura e não ser transformados pela cultura. (...) Receio que nós, no Ocidente, passemos o tempo a lamentar-nos ao dizer: temos de suavizar as coisas, temos de capitular, é óbvio que estes ensinamentos serão rejeitados, ó meu Deus nós não somos populares. E os africanos dizem: nós não estamos onde deveríamos estar. O que nós devemos fazer é propor a verdade e atrair as pessoas, através do amor e da alegria das nossas vidas, a abraçar essa verdade”, afirmava Dolan. Por certo a Igreja africana e os seus bispos não perderam em cinco meses o vigor, a vivacidade e o profetismo. Acontece é que a Igreja Africana encara os desafios pastorais como um “espaço para escutar e ver como pode acompanhar quem quer pertencer cada vez mais a Cristo”, como sublinhou Palmer-Buckle. Por outras palavras e citando a homília de Domingo do Papa Francisco, “o caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração”.



PAPA FRANCISCO @pontifex_pt

16 Fevereiro 2015

Jesus veio trazer a alegria a todos e para sempre.

17 Fevereiro 2015

Durante a Quaresma, encontremos formas concretas de vencer a nossa indiferença.

19 Fevereiro 2015

Senhor, dai-nos a graça de nos sentirmos pecadores.



2017 ASSINALA 500 ANOS DE REFORMA DE MARTINHO LUTERO

Em 2017, luteranos e católicos vão celebrar juntos os quinhentos anos da Reforma Protestante e recordar os cinquenta anos de diálogo ecuménico oficial conduzido a nível mundial, no seguimento do Concílio Vaticano II. A pensar nas celebrações, a Federação Luterana Mundial lançou uma nova página na internet (www.2017.lutheranworld.org) que permite aos interessados “contribuir e participar” no 5.º centenário da Reforma Protestante. Em 2017, as celebrações ocorrem em volta da temática da “Libertação pela graça de Deus”.



PAPA CELEBRA MISSA PELOS 21 CRISTÃOS ASSASSINADOS

O Papa Francisco celebrou eucaristia no passado dia 17 na capela da Casa de Santa Marta pelos 21 cristãos coptas que foram assassinados na Líbia. “Oferecemos esta missa pelos nossos irmãos coptas, degolados somente por serem cristãos. Rezemos por eles, para que o Senhor os acolha como mártires, pelas suas famílias e pelo meu irmão Tawadros que sofre muito”, disse o Santo Padre no início da eucaristia. Francisco telefonou ainda ao Patriarca da Igreja Copta Ortodoxa do Egipto, Tawadros II, manifestando a sua “participação na dor da Igreja Copta”.



DEPOIS DOS DUCHES, UMA BARBEARIA PARA OS SEM-ABRIGO

Os sem-abrigo que pernoitam nos arredores da Praça de São Pedro têm agora um serviço de barbearia oferecido pelo Vaticano com o apoio de voluntários. O espaço foi inaugurado no dia 16 de Fevereiro e logo contou com a presença de cerca de uma dezena de interessados, homens e mulheres. A vigilância policial no local destinou-se a manter a privacidade dos utentes e evitar a recolha de imagens fotográficas. A barbearia, disponível às segundas-feiras, junta-se assim aos três duches que tinham sido instalados em Novembro de 2013.

O CRISTÃO NO PARQUE



PEDRO CASTRO CRUZ

ARQUITECTO

Entramos na Quaresma para fazer caminho com os olhos postos na Páscoa. Entramos na igreja de van Ars alinhados para fazer caminho, qual *via crucis*, com os olhos já postos na nova passagem para a nova vida.

Uma igreja concebida como lugar de passagem: fazendo a leitura urbana, concebida talvez tão simplesmente como para atalhar caminho num parque na cidade; mas, fazendo a leitura da simbólica – um lugar em que entramos para sairmos diferentes. Uma igreja, portanto, com duas portas, uma em frente à outra, propondo um percurso que pode ser ou ascendente ou descendente, marcado por uma nave de pé-direito alto, encimada por grandes lanternins-tambor, rodeada por altares côncavos e convexos que deixam antever dois grandes salões que, porém, se perdem na penumbra.

Poderia reconhecer-se desde aqui que o pensamento religioso de Aldo van Eyck (1918-99) está alicerçado no pensamento filosófico panteísta de Spinoza. Nesta igreja, a síntese seria conseguida no modo como se fundem o divino e o natural. Aldo apresenta um pensamento livre fundamentado no panteísmo e ao serviço do cristianismo, se necessário: o cristão no parque.

Entramos e somos desconcertados, desafiados por um espírito lúdico à descoberta do espaço, numa educação para a liberdade. Tendo presente estarmos em território da revisão católica, em torno d' O Novo Catecismo Holandês, destronando a teologia da especialidade escolástica e confiando-a também à comunidade laical. Ilustra-o o salão que de um dos lados se apresenta, multifuncional – na nossa

visita, servindo de apoio aos arranjos florais e servindo também um chá fraterno de boas-vindas. Do outro lado, está o “salão” para a assembleia.

Na igreja de van Ars reconhecem-se os interesses arquitectónicos em torno dos quais Aldo opera. Explora a forma simultaneamente estável e dinâmica, o que é constante e que constantemente muda. No interior de van Ars a tensão resulta da ortogonalidade perimetral e da circularidade central. Identificam-se três tradições: reportamos a tradição espontânea aos cilindros que conformam os altares e que induzem movimentos espirais; a tradição clássica às vigas porticadas que direccionam o espaço em movimentos longitudinais, como em naves sequenciais; a tradição moderna aos degraus e muretes ortogonais que geram movimentos cruzados diagonais transversais, como nas obras do neoplasticismo.



A igreja na Haia, com projecto de '64 e obra de '68, terá também um importante papel na Teoria da Arquitectura. Aparece no enredo da tensão de final da década de '60 para o qual convergem vários conflitos da história da arquitectura e da história sociopolítica, entre a continuidade crítica do Movimento Moderno no Team 10 depois da II Guerra Mundial, a renovação eclesial católica após o Concílio Vaticano II ou a agitação social do Maio de '68. O projecto da igreja, publicado como diagrama no Team10 Primer, parece já metaforizar uma fractura. Com tal sugestão lembramos a relevância de van Eyck desde '47 nos Congressos Internacionais, até '74 em van Ars, quando o grupo visita esta obra, num dos últimos encontros, não sem emoção – sendo a primeira vez em que o grupo fez silêncio...

MÚSICA PARA CORPO E ALMA

ANA GOMES

MUSICOTERAPEUTA | MEMBRO DA PASTORAL DA SAÚDE

É sabido que a música, e comprovado cientificamente, bem como a audição ou produção musical traduz efeitos neurológicos efectivos no estado de espírito, e por conseguinte no estado de saúde, dos seres humanos. A musicoterapia consiste, resumidamente, na utilização (produção ou audição) de sons ou músicas, de forma controlada e adequada, potenciando a melhoria ou estabilização de estados de saúde. Alguns exemplos são: a redução da dor crónica, a melhoria significativa do estado de saúde de doentes com hipertensão arterial e com problemas cardíacos. Para além disto são ainda conhecidos os efeitos benéficos em doentes com depressão e limitações do foro cognitivo.

Acima da prática consciente da música ou da audição musical, a música consegue unir-nos ao transcendente, à fantasia, ao imaginário, a um mundo que existe dentro de nós e que tem uma amplitude infinita. O dia-a-dia insiste em exigir-nos um mecanicismo exacerbado fazendo com que nos sintamos quase inteiramente e somente mecânicos, reclusos do mundo, supostamente real. Isto faz com que passemos a ter vergonha, retracção de emoções e sentimentos profundos que nada nem ninguém, tão bem como o ser humano, pode sentir.

Música para o corpo e alma é a melhor forma para nos expressarmos, conhecermos, encontrarmos com o que realmente somos e fazemos ou queremos fazer. Para os que sabem fazê-la, à música, arriscar mais talvez seja um bom caminho, retirar a partitura da frente, experimentar, interagir com o próprio espírito e o seu corpo. Para os que não sabem fazê-la: como sabem que a não sabem produzir? A música é uma conjugação lógica, dedutiva, de notas musicais, mas acima de

tudo é uma conjugação pessoal e estética de sonoridades. É ainda, e fundamentalmente, a combinação emocional de sons e silêncios. Assim, todos, da melhor ou pior forma possível, podemos e devemos produzi-la para nós mesmos, ao longo de toda a nossa vida.

“Quem canta seus males espanta”, diz um ditado popular. Porque não experimentar cantar um pouquinho todos os dias em casa? Vamos, saiam do vosso casulo e mostrem a vossa voz. Cantem a música da rádio, cantem a música do grupo da igreja, cantem a caminho do trabalho, cantem até a caminho de um funeral, porque não? Louvemos a vida através da produção de som. Talvez esta seja uma forma mais simples de resolver os conflitos internos e externos que o quotidiano teima em trazer-nos. Tudo ficará gradualmente mais claro e simples. A experiência e a prática musical permanente faz com que consigamos ver as situações com uma distância que permite uma consciencialização, e por conseguinte resolução, mais clara dos problemas. Cantar bem é um dom que nem todos possuímos, mas o importante é cantar. E se cantar mal? Ainda bem, é sinal que tem experimentado convictamente a música na forma cantada o que faz com que se sinta melhor e isso é o mais importante. O ideal é que se sinta bem consigo, dentro das suas potencialidades e limitações.

A música ajuda-nos a perceber que somos seres limitados na nossa “infinitude”. Podemos quase tudo, enquanto seres vivos capazes e conscientes da nossa condição humana. Vamos experimentar então até onde podemos chegar: música clássica, rock, jazz, soul, blues, funck, samba, bossa nova, fado, etc.. Vamos viver a música, o que nos ajudará a responder às questões: de onde vimos? Para onde vamos?

Louvar através da música, a nossa fé e a nossa vida, é a forma mais fácil de estarmos perto do divino. Vamos regressar às origens, ser mais autênticos. E com a música podemos trilhar um caminho de amor ao longo da nossa vida. Porque a felicidade constrói-se e vive-se a cada dia. Não podemos em nenhum dia esquecer-nos que o que a boca não fala pode cantar e o que a mente não pensa de forma consciente pode sempre musicar. Uma sugestão final: experimentar.

PUB



Tavares
1922

Concepção, fabrico e restauro de alfaias religiosas

Rua da Junqueira, 54 - Póvoa de Varzim / Telf: 252 29 80 10 / www.ourivesariatavares.pt

Domingos Machado tem 79 anos e trabalha com a alegria e a genica de um homem de 20. É com um enorme sorriso que nos recebe e logo nos propõe uma visita ao Museu de Cordofones. Tem a história de cada instrumento na ponta da língua. A memória não o atraiçoa: a cada obra, o “Violeiro”, como lhe chamam, leva-nos em viagens melodiosas, algumas com centenas de anos.

COINCIDÊNCIAS FELIZES

Quem conhece Domingos Machado e o ouve falar com tanto orgulho dos seus instrumentos está longe de imaginar que no início da sua vida o mestre “violeiro” tentou escapar de todas as formas ao ofício que viria a aprender com o pai. Começou por ser o “homem da cola”, o braço direito do pai, que na altura fabricava os instrumentos. Mas Domingos, com os seus tenros 11 anos de idade, ficava triste pelo fim do dia. Os amigos juntavam-se perto da oficina “a jogar à bola”. Domingos ouvia-lhes as gargalhadas e os risos, mas não se podia juntar a eles, tinha que trabalhar. Pelos 13 anos decidiu então aprender o ofício de electricista com a esperança de “ter tempo ao final do dia”. Não durou muito: três meses a ter que pagar para trabalhar foram o suficiente para fazer Domingos mudar de profissão. “O patrão só dava o almoço e o meu pai ainda tinha que me pagar as viagens, 25 tostões na altura. Não compensava”, afirma. À noite ainda fazia serão com o pai na oficina para compensar o dinheiro gasto. Seguiu-se um emprego na Litografia do Minho. A história repete-se: as despesas eram mais do que as receitas. “Pagavam-me cinco escudos ao dia... O almoço eram cinco escudos e ainda tinha as viagens! Continuava a depender do meu pai e a fazer serão para compensá-lo”, continua Domingos Machado. Voltou a trocar o emprego pouco tempo depois, desta vez para se juntar finalmente ao pai na oficina. “Ele ficou muito feliz por ter alguém a continuar o legado da família. E eu ainda hoje lhe agradeço por sempre me ter apoiado. Foi o destino que me pôs os instrumentos na mão e o meu pai nunca tentou contrariá-lo, esteve sempre do meu lado. Acho que sabia que eu ia cruzar as esquinas e voltaria ao ponto de partida”, sorri o “violeiro”.

Depressa Domingos Machado passou a ser conhecido pela arte de criar e recriar instrumentos. Teve lições com um mestre do Porto e afinou ainda mais o ofício. Depois do

A MÚSICA NA PALMA DAS MÃOS

TEXTO: FLÁVIA BARBOSA / FOTOS: DACS



casamento estabeleceu-se sozinho. Os clientes vinham de todos os lados e Domingos “começou a não dar para as encomendas”. Os pedidos surgiam de todos os lados: a classe média comprava os instrumentos mais caros e os mais baratos tinham “saída constante”. Alguns grupos paroquiais chegaram a ser dos clientes mais assíduos do mestre. “Vinham cá sobretudo pelas violas, que davam um óptimo som nas igrejas”, confirma Domingos.

O MUSEU DE CORDOFONES

Assim como Domingos Machado não era para ser “violeiro”, o Museu de Cordofones não era para ser museu.

Pode parecer estranho, mas a verdade é que o local inaugurado em 1995 não tinha esse destino traçado. Foi uma brincadeira a dar início a tudo. Domingos Machado reparou que muitos clientes e amigos tinham boas colecções dos seus instrumentos. Já o mestre continuava a ter as suas obras empilhadas e pouco arrumadas. Num almoço de família lançou o repto para o ar: “acho que vou organizar as coisas e fazer uma colecção em condições”. A ideia não só foi prontamente aceite como foi grandemente incentivada por família e amigos. O artesão começou a reunir as condições para tornar o sonho realidade. Entretanto, durante uma entrevista que lhe foi feita, falou sobre a colecção. No dia seguinte, o jornal noticiava a abertura do Museu de Cordofones. “Nem fui eu que lhe pus o nome, foi a comunicação social”, brinca o “violeiro”. A partir daí foi um “corridinho”: a notícia depressa se espalhou.

“Na altura pensei: se é para ser Museu de Cordofones, assim será”, continua o mestre. A 22 de Setembro de 1995, o museu, situado no andar inferior de sua casa, abria as portas. Em Janeiro do ano seguinte, Domingos já recebia “correspondência do Instituto Nacional dos Museus”, sem saber sequer como tinham tido conhecimento dos “Cordofones”. Desde a inauguração já recebeu inúmeras visitas de escolas, colégios, universidades, tunas, entidades particulares. Já veio gente de todos os cantos do mundo: o livro de honra (que também nos é gentilmente estendido) conta com dedicatórias de Portugal, do Brasil, da Alemanha, de dezenas de países diferentes, até do Japão. O mestre não cobra entradas a ninguém e ainda dá explicações detalhadas, como só ele poderia dar, sobre cada peça. No meio do

“paraíso de madeira”, há duas obras que o mestre destaca: a viola braguesa e a bandolira. A primeira, como não poderia deixar de ser, pelas suas origens. Trata-se do instrumento mais frequente entre Douro e Minho, que acompanha desafios, rugas, mas também “se porta muito bem” a solo. A bandolira em exposição, instrumento raro em Portugal, é uma réplica feita a partir de uma bandolira italiana restaurada pelo artesão. “É um instrumento barroco e vê-se nas pinturas de conventos e igrejas, a ser tocado pelos querubins, tal como nos salmos do Rei David, estão a ver?”, brinca Domingos.

“AQUI NÃO ENTRA MÁQUINA”

Todos os instrumentos fabricados na oficina de Domingos – e agora também de Alfredo Machado, que seguiu as “dedadas” do pai – são

feitos de forma artesanal. Todos os moldes, peças e instrumentos são cuidadosamente trabalhados pelas mãos dos dois artesãos. “A máquina é amiga do Homem, mas aqui não entra. Não há nada como um instrumento fabricado com as nossas próprias mãos”, sorri o mestre. Garante que não há instrumento que venda e que abandone a oficina sem ser tocado. “Uma máquina até pode produzir 500 peças de uma assentada, mas depois quem vai experimentá-las? Não é só fazer trabalhos bonitos, é preciso ter em conta a acústica e o som!”, sublinha. A oficina está repleta de utensílios de trabalho, alguns com décadas, outros que já é difícil encontrar à venda, como a serra “de dar ao pedal”.

Enquanto estamos à conversa, Domingos não resiste a “dar um jeitinho” no instrumento que está agora a terminar. Lixa-o cuidadosamente na bancada junto à janela. O serrim agarra-se à camisola, às calças. O olhar e sorriso do violeiro denunciam o que sente: é ali, a trabalhar, que se sente feliz. Perguntamos se não se afeiçoa aos instrumentos que cria, se não tem pena de os vender. “Crio amizade com todas as peças que faço, mas não tenho pena. Não há nada como ver o produto final do nosso trabalho e a satisfação do cliente. Só fico triste se não forem valorizados ou aparecerem

tiver forças aqui estarei”, responde. O filho, Alfredo, intervém por esta altura, sorrindo enquanto faz uma afirmação muito séria. “Se o meu pai parar de trabalhar... morre! Esta é a vida dele”, sublinha. Domingos Machado diz que está plenamente realizado, quer a nível social, familiar e laboral. “É um privilégio ainda poder fazer o que gosto”, conclui.

“CEM ANOS” DE TRABALHO

Os “cem anos de trabalho”, como Domingos se refere às horas acumuladas que tem a fabricar instrumentos, trouxeram-lhe muitas coisas boas. Uma delas foi a sabedoria necessária para tocar os instrumentos. Sim, o “violeiro” toca todas as peças que o museu contempla, só não toca “o barroco e o medieval”. Aprendeu sozinho, só a ver outros tocarem. “E muitas coisas aprendi às escondidas do meu pai, porque se ele me apanhasse parado a observar, perguntava logo se eu não tinha mais que fazer”, graceja.

Outra das coisas boas que o ofício lhe trouxe foi a possibilidade de convivência com alguns nomes ilustres do mundo da música. Amália Rodrigues, Oliver Serrano, Donovan, António Cháinho e Rão Kiao foram alguns dos nomes que passaram pela oficina. George Harrison, guitarrista dos Beatles, teve até um cavaquinho



interessarem-se por este tipo de trabalhos, onde não há a ajuda de qualquer máquina. E mesmo aqueles que se interessam, poucas formas têm de se estabelecer. Que não haja apoios ainda vou compreendendo... mas então que não haja entraves também! Isentassem os jovens de impostos e podia ser que o artesanato começasse a ser mais valorizado...”, desabafa.

Domingos Machado não termina a nossa conversa sem aceder a um pedido nosso: tocar um pouco de cavaquinho. Os dedos são ágeis, arpejam as cordas de forma rápida e harmoniosa. As notas preenchem a oficina. O “violeiro” toca três afinações diferentes com destreza invejável. Perante nós não parece estar alguém com “cem anos de trabalho” feitos, mas alguém com cem anos de trabalho pela frente.



maltratados”, confessa. Até na forma como pega nos instrumentos se nota o carinho que sente pelas peças. A curvatura das mãos já parece habituada às obras, mas o cuidado parece continuar a ser o mesmo de quem pega na primeira, como se de porcelana se tratasse. Admiramos-lhe o trabalho e questionamos se com a idade a avançar, não sente necessidade de parar. A resposta é peremptória. “Eu? Não, nem pensar! Já devo ter uns cem anos de trabalho em cima e já não trabalho com os prazos de antigamente, mas enquanto

de Domingos Machado. Pouco tempo antes de morrer, ofereceu-o a Paul McCartney, que ainda hoje o conserva.

Tantos anos e histórias volvidos e o mestre não se cansa do que faz. Neste momento, a sua única desilusão é para com o estado do artesanato a nível nacional e europeu. É de semblante carregado que nos diz que considera condenada esta e outras artes manuais. “É muito difícil fazer os jovens de hoje em dia



VEJA O VÍDEO DA REPORTAGEM EM
www.igrejaviva.diariodominho.pt
www.youtube.com/diocesebraga

I DOMINGO QUARESMA

TEMA

**“ARREPENDEI-VOS
E ACREDITAI NO
EVANGELHO”**

ATITUDE DE VIDA

Para acolher a proposta de conversão ao Reino de Deus que Jesus apresenta, é necessário parar, fazer a experiência de deserto, para reconhecer qual(is) o(s) aspecto(s) da nossa vida que precisam de ser mudados. Sentindo que é o Espírito que nos impele, vamos procurar fazer algum tempo de silêncio, ao longo desta semana, percorrendo um verdadeiro itinerário de exame de consciência.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Gen 9, 8-15

Leitura do do Livro do Gênesis

Deus disse a Noé e a seus filhos:
“Estabelecerei a minha aliança convosco,
com a vossa descendência e com todos os seres
vivos que vos acompanham: as aves,
os animais domésticos, os animais selvagens
que estão convosco, todos quantos saíram
da arca e agora vivem na terra.

Estabelecerei convosco a minha aliança:
de hoje em diante nenhuma criatura será
exterminada pelas águas do dilúvio e nunca
mais um dilúvio devastará a terra”.

Deus disse ainda: “Este é o sinal da aliança
que estabeleço convosco e com todos os animais
que vivem entre vós, por todas as gerações
futuras: farei aparecer o meu arco sobre as
nuvens, que será um sinal da aliança
entre Mim e a terra. Sempre que Eu cobrir a
terra de nuvens e aparecer nas nuvens o arco,
recordarei a minha aliança convosco
e com todos os seres vivos e nunca mais
as águas formarão um dilúvio para destruir
todas as criaturas”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo Salmo 24 (25)

**Refrão: Todos os vossos caminhos, Senhor,
são amor e verdade para os que são fiéis à
vossa aliança**

Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos,
ensinai-me as vossas veredas.
Guiai-me na vossa verdade e ensinai-me,
porque Vós sois Deus, meu Salvador.

Lembra-Vos, Senhor, das vossas misericórdias
e das vossas graças que são eternas.
Lembra-Vos de mim segundo a vossa clemência,
por causa da vossa bondade, Senhor.

O Senhor é bom e recto,
ensina o caminho aos pecadores.
Orienta os humildes na justiça
e dá-lhes a conhecer a sua aliança.

LEITURA II 1 Pedro 3, 18-22

Leitura da Primeira Epístola de São Pedro

Caríssimos: Cristo morreu uma só vez pelos pecados
– o Justo pelos injustos – para vos conduzir a Deus.

Morreu segundo a carne, mas voltou à vida pelo
Espírito. Foi por este Espírito que Ele foi pregar aos
espíritos que estavam na prisão da morte e tinham
sido outrora rebeldes, quando, nos dias de Noé, Deus
esperava com paciência, enquanto se construía a arca,
na qual poucas pessoas, oito apenas, se salvaram
através da água. Esta água é figura do Baptismo
que agora vos salva, que não é uma purificação da
imundície corporal, mas o compromisso para com
Deus de uma boa consciência; ele vos salva pela
ressurreição de Jesus Cristo, que subiu ao Céu e está à
direita de Deus, tendo sob o seu domínio os Anjos, as
Dominações e as Potestades.

EVANGELHO Mc 1, 12-15

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo
segundo São Marcos**

Naquele tempo, o Espírito Santo impeliu Jesus para
o deserto. Jesus esteve no deserto quarenta dias e era
tentado por Satanás. Vivia com os animais selvagens e os
Anjos serviam-n’O. Depois de João ter sido preso, Jesus
partiu para a Galileia e começou a pregar o Evangelho,
dizendo: “Cumpru-se o tempo e está próximo o reino de
Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

ITINERÁRIO SIMBÓLICO

MATERIAL: Tendo em conta o tema da mensagem quaresmal para a arquidiocese de Braga, “generosamente servir o mundo”, foi escolhido um símbolo que, por excelência, representa a dimensão do serviço, da entrega em favor dos outros: a Cruz. Esta será feita com cinza, sendo preenchida por sinais de cada uma das ideias-referência sugeridas pelo nosso Bispo. Assim, para a primeira semana, no topo superior da Cruz, colocar-se-á um livro para expressar a dimensão da cultura, onde é possível viver a fé.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** *Diz o Senhor nosso Deus*, A. Cartageno (CEC I, p. 82)
- **ACT. PENIT.:** *Fórmula B*, M. Simões (IC, p. 15 - NRMS 50-51)
- **ACLAM. EV.** *Glória a Vós, Cristo, Palavra de Deus / Nem só de pão...* F. Santos (BML 35)
- **COM:** *Nem só de pão vive o homem*, (IC p. 225; NRMS 29)
- **FINAL:** *Irmãos, convertei o vosso coração*, P. Lécot (CT 312)

REFLEXÃO

O tema da Aliança remete para a fidelidade de Deus na “História da Salvação”: Deus não quer a “destruição” mas a vida. Esta é a primeira das cinco catequeses que serão apresentadas nesta Quaresma (Ano B). O arco-íris surge como o sinal da aliança estabelecida entre Deus e a terra (primeira leitura). O ser humano, para ser fiel à aliança, apoia-se na bondade divina, nas “graças que são eternas” (salmo). Pedro explica que há continuidade entre a antiga e a nova aliança realizada em Jesus Cristo (segunda leitura). E o episódio do evangelho mostra Jesus Cristo já vencedor de Satanás, vencedor do mal. A Quaresma é uma oportunidade para “abrir o ouvido do coração” para “escutar a melodia do presente”: “o desafio é atirar-se para os braços da vida e ouvir aí o bater do coração de Deus. Sem fugas. Sem idealizações” (José Tolentino Mendonça).

“Será um sinal da aliança entre Mim e a terra”

O fragmento do livro do Génesis proposto na primeira leitura é um oráculo colocado na boca de Deus: um decreto sobre a intenção de Deus após a narração do Dilúvio. Trata-se de um texto que pertence ao chamado “Relato Sacerdotal”, que surgiu durante o exílio do povo de Israel na Babilónia, um acontecimento que marcou decisivamente a histórica e a experiência de fé do povo bíblico. É provável que a experiência caótica do exílio se encontre plasmada de forma simbólica e criativa na narração do Dilúvio.

Deus anuncia a Noé a sua intenção unilateral de estabelecer uma Aliança, um acto de afecto para

com a Criação. Tudo sugere a imagem duma nova criação.

A promessa mais importante consiste na não repetição de um dilúvio: o mundo e a vida não voltarão a ser postos em perigo. A promessa é paralela à de Isaías (54, 9-10): “Vou agir como no tempo de Noé: jurei que nunca mais o dilúvio se abateria sobre a terra. Do mesmo modo, juro nunca mais me irritar contra ti, nem te ameaçar. Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará. Quem o diz é o Senhor, que tanto te ama”. Trata-se de uma promessa de amor e de uma aliança de paz que expressa a total solidariedade de Deus com a comunidade do exílio.

No texto do Génesis, há um sinal especial: o arco-íris. É um sinal que mostra o alcance da fidelidade de Deus, tão grande como a própria Criação: “Será um sinal da aliança entre Mim e a Terra”. Cada vez que vemos o arco-íris podemos dizer: é verdade, Deus não rompe a sua aliança, a Terra não será destruída. Há esperança: trabalhemos pela vida!

A teologia do Antigo Testamento desenvolve sucessivas alianças: com Noé, com Abraão, com o povo, até que os profetas anunciam uma “nova e eterna aliança”. Mas a salvação oferecida por Deus não se impõe, antes é uma proposta que pode ser aceite ou recusada pelos humanos. Pouco a pouco, Deus vai dando a conhecer a sua vontade salvífica: desde a (antiga) aliança com Noé e com toda a Criação até à sua máxima expressão na (nova e eterna) aliança realizada em Jesus Cristo.

ADMONIÇÃO INICIAL

Estamos a iniciar um novo percurso quaresmal, em que somos convidados a parar, a fazer a experiência de deserto, a fazer silêncio. A Eucaristia pode ser o ambiente propício para alimentarmos a sincera vontade de programar um itinerário renovado de aliança com Deus e com os outros. Afinal, Deus toca a nossa vida, convidando-nos a percorrer caminhos renovados de conversão. Abramo-nos à sua presença que ilumina a nossa vida, a nossa fé.

EUCOLOGIA

Orações próprias do I Domingo da Quaresma (*Missal Romano*, pp. 174-175)
Prefácio da Quaresma V (*Missal Romano*, p. 465)
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, pp. 529ss)

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos irmãos e irmãs:
Deus estabelece uma aliança com a humanidade para a salvar. Envolvidos nesta confiança, oremos pela Igreja e pela sociedade, dizendo:

R. Renovai, Senhor, o vosso povo.

1. Pelos ministros ordenados da Igreja de Braga que sugerem caminhos de “fé vivida”, pelos leigos comprometidos em cada paróquia e por aqueles que se preparam para receber o Baptismo, acolhendo sempre o apelo feito por Jesus a todos: “arrependei-vos e acreditai no Evangelho”, oremos.
2. Pelos governantes do nosso país e de cada nação que procuram viver uma autoridade humanizadora, estando sempre ao lado dos mais necessitados, oremos.
3. Pelos agentes da cultura do nosso tempo que se esforçam por traduzir nas diferentes artes a aliança que Deus estabelece com as pessoas, oremos.
4. Pelas pessoas que vivem na solidão e na tristeza; pelas vítimas dos atentados terroristas, da escravatura, da guerra e da fome; e pelas que são humilhadas, desprezadas e abandonadas, mas continuam a confiar em Deus e n’Ele encontram o que procuram, oremos.
5. Pelos cristãos que iniciam a Quaresma com oração, jejum e partilha, como oportunidade fecunda de conversão e de preparação para a vivência da Páscoa, oremos.
6. Pelos membros da nossa comunidade (paroquial), que procuram o alimento e a fortaleza na Palavra de Deus, como orientação do caminho da sua vida, oremos.

Senhor, nosso Deus, que estabeleceis uma aliança com toda a humanidade, concedei-nos a graça de reconhecer em Vós a fonte do amor e da vida em plenitude. Por Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

BENÇÃO FINAL

Valorizando a bênção final ao longo do tempo da Quaresma, propõe-se, neste primeiro Domingo, a oração de bênção sobre o povo. (*Missal Romano*, p. 573).



Recoleção do Clero



24 FEV 2015 Seminário Conciliar

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 CONFERÊNCIA | LECTIVO DIVINA | ADORAÇÃO | ALMOÇO

AGENDA

20.02.2015

OLHARES SOBRE A CULTURA

21h00 / Auditório Vita

21.02.2015

RETIRO DA QUARESMA

14h00 / Igreja do Carmo

23.02.2015

SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS

21h00 / Auditório Vita

24.02.2015

RECOLEÇÃO MENSAL DO CLERO

09h00 / Seminário Conciliar



FM 101.1 Mhz
AM 576khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Joana Araújo), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt

NOVA ÁGORA: OLHARES SOBRE CULTURA

O segundo encontro da Nova Ágora, iniciativa promovida pela Arquidiocese de Braga, tem data marcada já para amanhã, no Auditório Vita, pelas 21h00. Nesta sessão, João Lobo Antunes, Fernando Santos e Henrique Leitão propõem "Olhares sobre Cultura", com o debate a ser moderado por Carlos Magno. João Lobo Antunes é Director do Serviço de Neurocirurgia do Hospital de Santa Maria, Presidente da Academia Portuguesa de Medicina e Presidente do Instituto de Medicina



Molecular e Conselheiro de Estado. Já Fernando Santos é o mais recente seleccionador nacional. Henrique Leitão pertence ao Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e de várias sociedades científicas portuguesas e estrangeiras, tendo recebido o Prémio Pessoa em 2014. À semelhança do que aconteceu no último encontro, que juntou João Proença, Miguel Cadilhe e José Peneda, com moderação de Graça Franco, também este debate terá transmissão em directo em www.novaagora.pt.

LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



ANTÓNIO COUTO
INTRODUÇÃO AO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MARCOS

"Introdução ao Evangelho segundo São Marcos", da autoria de D. António Couto, é um instrumento útil para compreender e contextualizar o Evangelho que neste ano litúrgico está a ser proclamado nas missas com maior frequência. De acordo com o autor, trata-se de um "texto fortíssimo, que não pretende apenas informar, mas sobretudo persuadir em tempos de crise e que, por isso mesmo, ganha em ser lido em voz alta". Ao longo de 136 páginas D. António Couto reforça a ideia de em termos eclesiais vivermos "situações idênticas às do mundo que viu nascer este Evangelho".

PVP
€ 9,50
15%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 19 a 26 de Fevereiro de 2015.